

JOSTEIN GAARDER

MAYA

Romance

Tradução

Eduardo Brandão



Copyright © 2000 by Jostein Gaarder e H. Aschehoug & Co.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Maya

*Tradução, autorizada pelo autor, a partir da versão espanhola
de Kirsti Baggethun e Assunción Lorenzo, Editora Siruela*

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Gabriela Morandini

Juliane Kaori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gaarder, Jostein

Maya : romance / Jostein Gaarder ; tradução Eduardo Brandão.
— 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Maya

ISBN 978-85-359-2067-3

1. Romance norueguês I. Título.

12-02305

CDD-839.823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norueguesa 839.823

2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

Prólogo 9

A CARTA A VERA 21

Vê melhor quem vê por último 25

A falta de espanto de Adão 48

Anfíbios de vanguarda 65

Homem-mosquito para um geco 93

O enfastiado meio-irmão do neandertal 118

Cúpula no trópico 144

A pomba cor de laranja 169

Você optou por dividir a dor em duas 194

Bellis perennis 209

O anão e o retrato mágico 239

A lógica é pobre demais em ambivalência 271

Epílogo de John Spooke 285

Manifesto 329

Sobre o autor 383

PRÓLOGO

JAMAIS VOU ESQUECER aquela úmida e tempestuosa manhã de janeiro de 1998 em que Frank aterrissou em Taveuni, uma pequena ilha do arquipélago Fiji. Trovejara a noite inteira, e, antes do café da manhã, os donos do Maravu Plantation Resort tiveram de cuidar do conserto de um problema na instalação elétrica. Como a câmara frigorífica corria perigo, ofereci-me para ir de carro a Matei buscar os novos hóspedes, que chegariam à linha de mudança de data no voo da manhã, vindos de Nadi. Angela e Jochen Kiess aceitaram agradecidos minha ajuda, e Jochen me elogiou dizendo que numa situação crítica sempre se podia contar com um britânico.

O sério norueguês chamou minha atenção assim que entrou no jipe em companhia de um casal de americanos. Tinha cerca de quarenta anos, estatura mediana e cabelos louros, como a maioria dos escandinavos, mas olhos castanhos e um semblante um tanto abatido. Apresentou-se como Frank Andersen, e lembro que cheguei a pensar que talvez pertencesse àquela rara categoria de seres humanos que a vida toda se sentem oprimidos na Terra pela brevidade da existência e pela falta de espírito. Essa suposição se dissipou quando, naquela mesma noite, soube que ele era biólogo evolutivo. Para quem já tem certa predisposição à melancolia, a biologia evolutiva deve ser uma ciência bem pouco reconfortante.

Sentado à escrivaninha na minha casa de Croydon, olho para um cartão-postal amassado, datado de Barcelona, 26 de maio de 1992. O postal mostra uma foto da Sagrada Família, a catedral inacabada de Gaudí, e traz no verso:

Meu querido Frank,

chegarei a Oslo terça, mas não vou sozinha. Tudo vai ser diferente a partir de agora, você tem que estar preparado. Não me chame! Quero sentir seu corpo antes que haja palavras entre nós. Lembra da bebida mágica? Logo você vai tomar algumas gotas. Às vezes tenho medo. Será que eu e você podemos fazer alguma coisa para aceitar que a vida seja tão breve?

Sempre sua,
Vera.

Frank me mostrou de repente o postal com aquelas torres altas uma tarde em que tomávamos cerveja no bar do Maravu. Eu tinha lhe contado que perdera Sheila alguns anos antes, e Frank continuou ali, sentado, por um bom momento, até que com um gesto brusco tirou a carteira do bolso e puxou um cartão-postal dobrado, que imediatamente desdobrou e pôs em cima da mesa. O texto estava escrito em espanhol, mas o norueguês traduziu palavra por palavra. Parecia precisar da minha ajuda para assimilar o que acabava de traduzir.

— Quem é Vera? — perguntei. — Vocês eram casados?

Aquiesceu com um movimento de cabeça.

— A gente se conheceu na Espanha, no fim dos anos 80. Passados alguns meses, já vivíamos juntos em Oslo.

— E o relacionamento terminou?

Negou com a cabeça, mas disse:

— Ela voltou a Barcelona dez anos depois. Foi no outono passado.

— Vera não é um nome tipicamente espanhol — objetei.

— Nem catalão.

— É o nome de um povoado da Andaluzia — explicou. — Segundo sua família, ela foi concebida lá.

Examinei o postal.

— Ela foi a Barcelona visitar a família?
De novo negou com a cabeça.

— Foi apresentar sua tese de doutorado.
— Não diga.

— Sobre as migrações da espécie humana a partir da África. Vera é paleontóloga.

— E quem ela levou a Oslo?
Frank olhou para o fundo do copo.

— Sonja — disse sem mais nem menos.
— Sonja?

— Nossa filha, Sonja.

— Quer dizer que vocês têm uma filha?
Apontou para o postal.

— Foi assim que fiquei sabendo que Vera estava grávida.
— De você?

Estremeceu.

— A menina era minha filha, sim.

Compreendi que alguma coisa devia ter ido mal e tentei adivinhar o que poderia ter acontecido. Mas eu tinha outro ponto de referência e falei:

— E a tal “bebida mágica”, da qual você ia provar algumas gotas? Soa bastante tentador.

Hesitou. Depois sorriu com certa timidez antes de negar a importância daquilo.

— Nada, bobagem, coisas da Vera.

Chamei o garçom e pedi outra cerveja. Frank mal havia tocado na dele.

— Conte — pedi.

E Frank contou:

— Tínhamos em comum a mesma sede intransigente de vida. Ou será que devo chamar isso de “ânsia de eternidade”? Não sei se comprehende o que quero dizer.

Claro que comprehendia. Senti o coração bater no peito e pensei que devia me acalmar. Ergui a palma da mão para lhe dar a entender que não precisava me explicar o que era a ânsia de eternidade. Ele entendeu. Aparentemente, não era a primei-

ra vez que Frank tentava explicar o que queria dizer com aquela história de ânsia de eternidade. Acrescentou:

— Nunca tinha encontrado numa mulher essa necessidade irresistível. Vera era uma pessoa calorosa e realista. Mas também vivia metida no seu mundo, melhor dizendo, no mundo da paleontologia. Era das que se orientam mais verticalmente do que horizontalmente.

— Como?

— Não lhe interessava o que acontece na rua ou no espelho. Era bonita, muito bonita. Mas nunca a vi folheando uma revista feminina.

Ele continuava sentado, mexendo a cerveja com o dedo.

— Contou-me que, quando jovem, tinha tido muitas fantasias sobre uma bebida mágica que lhe concederia a vida eterna quando tivesse bebido a metade da dose. Assim, disporia de um tempo ilimitado para encontrar o homem a quem daria a outra metade e poderia ter certeza que um dia encontraria esse homem da sua vida, se não na semana seguinte, pelo menos depois de cem ou mil anos.

Apontei para o postal.

Frank sorriu com resignação:

— Quando voltou de Barcelona, naquele verão de 92, declarou solenemente que, de uma maneira ou de outra, tínhamos tomado algumas gotas da bebida mágica com que sonhava desde pequena. Pensava no filho que ia nascer. Algo de nós dois já tinha começado a viver sua própria vida, dizia ela. Algo que talvez desse frutos durante milhares de anos.

— A posteridade, você quer dizer?

— Sim, era nisso que ela pensava. De fato, todos os seres humanos da Terra descendem de uma mulher que viveu na África faz algumas centenas de milhares de anos.

Tomou um gole de cerveja, e como não disse mais nada por um bom tempo, tentei fazê-lo prosseguir.

— Continue, se quiser — falei.

Olhou-me nos olhos. Foi como se, por um instante, avalias-

se se eu era ou não um homem em quem poderia confiar. Continuou:

— Quando chegou a Oslo, me garantiu que não teria hesitado em compartilhar comigo a bebida mágica, se a tivesse. Obviamente não me deu nenhuma “bebida mágica”, mas, de todo modo, eu vivi aquilo como um grande momento. Considero uma coisa sublime o fato de que ousasse fazer uma escolha irreversível.

Com um gesto de cabeça, declarei-me de acordo.

— Já não é comum as pessoas se prometerem fidelidade eterna. Ficam juntas no que é bom, mas logo que vem o que é ruim, muitas simplesmente se separam.

Pareceu de repente um pouco irritado:

— Creio que me lembro literalmente do que ela disse: “Para mim só existe um homem e uma Terra, e se sinto isso tão intensamente, é porque só vivo uma vida”.

— Que declaração mais singular — disse eu. — E o que aconteceu em seguida?

Foi bem seco. Depois de esvaziar o copo de cerveja, contou-me que tinham perdido Sonja quando ela estava com quatro anos e meio, e que, desde então, a convivência dos dois se tornara impossível. Era muita dor sob o mesmo teto, explicou Frank. E ficou contemplando o coqueiral.

Não falou mais no assunto, apesar de eu ter feito algumas tentativas discretas para retomá-lo.

A conversa também foi interrompida de certo modo por um sapo enorme que pulou para o deck em que estávamos. Ouviu-se um “chap!”, e o contrariado sapo sentou debaixo da mesa, entre as nossas pernas.

— Um sapo-cururu — esclareceu o norueguês.

— Sapo-cururu?

— Ou *Bufo marinus*. Foram importados do Havaí faz pouco tempo, em 1936, para combater a grande quantidade de insetos nas plantações de cana-de-açúcar, e se deram muito bem aqui.

Apontou para o coqueiral, onde descobrimos outros quatro ou cinco exemplares. Minutos depois, pude contar até dez ou

doze sapos na relva úmida. Já estava na ilha fazia muitos dias, mas nunca tinha visto tantos sapos juntos. Tive a sensação de que era Frank quem os atraía, e não passou muito tempo até eu poder contar mais de vinte exemplares. Senti uma espécie de aversão ao ver tantos sapos juntos.

Acendi um cigarro.

— Continuo pensando nessa bebida de que você falou — disse. — Nem todo mundo ousaria prová-la. Acho que a maioria não provaria.

Pus o isqueiro na mesa, apontei para ele e sussurrei:

— Esse é um isqueiro mágico. Se você o acender agora, viverá eternamente na Terra.

Ele me encarou fixamente, sem sorrir. Suas pupilas pareceram se iluminar.

— Mas tem que pensar muito bem nisso — precisei —, porque só vai ter uma oportunidade e nunca poderá voltar atrás na decisão que tomar.

— Não tem importância — replicou com altivez, e não tive certeza da escolha que ele faria.

— Quer viver até a idade normal do ser humano? — perguntei solenemente. — Ou quer ficar na Terra por todos os séculos dos séculos?

Frank ergueu o isqueiro lenta mas decididamente e o acendeu.

Aquilo me impressionou. Fazia quase uma semana que eu estava na ilha, e finalmente não me sentia tão só.

— Não somos muitos — comentei.

Afinal sorriu, um sorriso largo. Creio que nosso encontro o surpreendeu tanto quanto a mim.

— Não, parece que não somos tantos assim — admitiu.

Endireitou-se e me estendeu a mão por cima do copo de cerveja.

Foi como se tivéssemos confiado um ao outro que pertencíamos à mesma ordem seleta. Nem a Frank nem a mim metia medo a ideia de viver eternamente. O que nos aterrorizava era o contrário.

Faltava pouco para o jantar, e insinuei que devíamos celebrar a confraternização com um drinque. Sugerí um gim puro, e ele concordou.

Os sapos continuaram se multiplicando no coqueiral, e voltei a sentir nojo. Confessei a Frank que ainda não tinha me acostumado com os gecos no quarto.

Chegaram os copos de gim, e enquanto o pessoal começava a arrumar as mesas para o jantar, continuávamos sentados, brindando aos anjos do céu. Também brindamos àquele pequeno grupo de pessoas que não era capaz de reprimir sua inveja dos anjos por viverem eternamente. Por fim, Frank apontou para os sapos do coqueiral. Julgou que, por educação, também deveríamos fazer um brinde a eles.

— Afinal de contas, são nossos irmãos de sangue — comentou. — Somos mais parentados a eles do que aos anjos do céu.

Frank era assim. Um sujeito excepcional mas que tinha os pés solidamente plantados no chão. No dia anterior tinha me confessado que não se sentira nada à vontade no táxi aéreo que o levara de Nadi a Matei. Os ventos estavam extremamente desfavoráveis, disse, e ainda por cima não gostara nem um pouco de saber que não havia copiloto no avião.

Enquanto bebíamos, o norueguês me contou que em fins de abril participaria de um congresso na velha cidade universitária de Salamanca e que na véspera tomara conhecimento, por um telefonema à secretaria do congresso, de que Vera também tinha se inscrito. Mas não sabia se ela estava a par de que iriam se encontrar em Salamanca.

— E você, espera que isso aconteça? — perguntei. — Espera poder se encontrar com Vera em abril?

Ele não respondeu. Tampouco pude notar se assentiu com um gesto de cabeça.

Naquela noite, todas as mesas do restaurante do Maravu se juntaram, formando uma comprida e única mesa. A ideia fora minha, pois muitos dos hóspedes eram pessoas sozinhas. Quando Ana e José entraram, lancei um derradeiro olhar para o cartão-postal com as oito torres antes de devolvê-lo a Frank.

— Pode ficar com ele! — exclamou. — Eu me lembro de cada palavra.

Não me passou despercebido o tom amargo da sua voz, e tentei fazê-lo mudar de ideia. Mas ele não se deixou convencer. Souu como se tivesse tomado uma decisão importante quando disse:

— Se eu o guardar, em algum momento poderia picá-lo em pedacinhos; por isso é melhor você ficar com ele. E, depois, quem sabe não voltamos a nos ver em algum lugar?

Apesar disso, decidi que o devolveria no dia em que Frank fosse embora. Mas na manhã em que ele deixou o Maravu, muitas coisas aconteceram.

Encontrar-me novamente com o norueguês quase um ano depois foi um desses acasos estranhos que condimentam a existência e criam a esperança de que, apesar dos pesares, existem forças ocultas que conduzem nossas vidas fora de cena e de vez em quando dão uma puxadinho nos fios do destino.

O acaso quis que eu já não tenha diante dos meus olhos apenas um velho cartão-postal. Desde hoje conto também com uma longa carta que Frank escreveu a Vera depois de encontrá-la em abril. Considero uma vitória pessoal o fato de esse documento escrupuloso estar enfim em minhas mãos, o que com certeza não teria acontecido se uma coincidência extraordinária não tivesse me levado a topar com Frank em Madri. Aliás, encontrei-o no mesmo hotel em que ele havia escrito a carta a Vera em maio. Nosso encontro ocorreu no Hotel Palace, no mês de novembro de 1998.

Na carta a Vera, Frank descreve vários episódios que nós dois tínhamos vivido naquela ilha do arquipélago Fiji. Centralizava a carta, logicamente, em Ana e José, mas também fazia referência a algumas conversas que ele e eu tivemos a sós.

Já que resolvi trazer a lume essa longa carta, poderia me sentir tentado a interromper o relato de Frank com comentários adicionais meus. Mas optei por apresentar a carta a Vera em sua totalidade e acrescentar um amplo epílogo.

Naturalmente, estou muito contente por possuir essa misiva, sobretudo porque ela me permitiu estudar as cinquenta e duas máximas do manifesto. Permito-me precisar que não me apoderei de uma carta pessoal. Não é o caso, de maneira nenhuma. Mas também sobre essa questão falarei no epílogo.

Faltam apenas alguns meses para entrarmos no século XXI. Parece-me que o tempo passa depressa demais. Parece-me que o tempo passa cada vez mais depressa.

Desde que eu era pequeno — o que não faz tanto tempo assim —, sabia que teria sessenta e sete anos se chegasse a viver a mudança de milênio. Esse sempre foi para mim um pensamento fascinante e aterrador ao mesmo tempo. Tive de me despedir de Sheila neste século. Ela só chegou a fazer cinquenta e nove anos.

Talvez volte a visitar a ilha da linha de mudança de data antes da passagem de século. Estou pensando em encerrar a carta a Vera numa cápsula do tempo, para que aí permaneça selada por mil anos. Quem sabe não se deva publicá-la até então, e o mesmo se pode dizer do manifesto. De qualquer modo, mil anos não são nada se comparados aos enormes períodos de tempo esboçados pelo manifesto. No entanto, mil anos são mais que suficientes para que se tenha apagado grande parte dos vestígios do que agora vivemos na Terra, e a história de Ana María Maya parecerá, na melhor das hipóteses, uma saga de um passado remoto.

Sou velho o bastante para não me incomodar com o momento em que virá à luz o que quero contar. O mais importante é que seja contado, mais cedo ou mais tarde, e tampouco é necessário que seja eu a contar. Talvez por isso mesmo eu tenha começado a ruminar a ideia de uma cápsula do tempo. Espero que daqui a mil anos haja um pouco menos de barulho no mundo.

Depois de ter lido mais uma vez a carta a Vera, sinto-me por fim capaz de organizar as roupas de Sheila. Já chegou a hora. Amanhã de manhã virão algumas pessoas do Exército da Salvação buscar tudo. Vão levar também os vestidos velhos, embora eu não acredite que consigam vendê-los. É uma sensação parecida com a de remover um ninho de andorinhas em que faz anos não há nenhum passarinho.

Logo terei me acostumado à vida de viúvo. Também é uma forma de existir. Ao olhar para a grande foto em cores de Sheila, já não estremeço tanto quanto antes.

Apesar de toda essa retrospecção que preencheu minha vida nos últimos tempos, pode parecer um paradoxo o fato de que nem mesmo agora eu teria hesitado em tomar a bebida mágica de Vera. Teria tomado sem pestanejar, mesmo sem ter certeza de encontrar uma pessoa a quem pudesse dar a outra metade. Para Sheila é tarde demais. Ela não recebeu muito mais do que quimioterapia no último ano de vida.

Amanhã tenho um encontro. Convidei Chris Batt para jantar. Chris é o bibliotecário-chefe da nova biblioteca aqui de Croydon. Sou um dos seus frequentadores mais assíduos. Parece-me ser uma grande honra para este bairro contar com uma biblioteca moderna, com escadas rolantes ligando os andares. Chris é um homem muito ativo. Não creio que ele tivesse acendido aquele isqueiro no bar do Maravu. Também não teria sentido nojo ao ver todos aqueles sapos.

Resolvi perguntar a Chris se ele acha que o prólogo de um livro deve ser escrito antes ou depois de se escrever o livro. Minha teoria é que o prólogo deve ser escrito no fim de todo o processo. Isso estaria em consonância com outra coisa em que tenho pensado, sobretudo depois de ler a carta de Frank.

Transcorreriam centenas de milhares de anos desde o momento em que os primeiros anfíbios saíram da água até aquele em que um ser vivo deste planeta fosse capaz de descrever o que aconteceu então. Hoje por fim podemos escrever o prólogo da história da humanidade, isto é, muitíssimo tempo depois de a história, em si, ter acabado. Dessa maneira, a essência das coisas

morde o próprio rabo. Talvez isso seja válido para todos os processos de criação, inclusive o das composições musicais. Imagino que a última coisa que se compõe numa sinfonia é o seu compasso inicial. Vou perguntar a Chris o que ele acha disso. Ele tem muito senso de humor, e também acho que é um homem sábio. Duvido que Chris Batt seja capaz de mencionar uma só opereta cuja abertura tenha sido composta antes de a opereta estar terminada em sua versão derradeira e final. Só se tem uma visão global de uma sucessão de fatos quando estes deixam de ter utilidade. Quem tiver a pretensão de entender o destino tem de sobreviver a ele.

Não sei se Chris Batt entende muito de astronomia, mas vou lhe perguntar o que acha do seguinte breve resumo da história deste nosso Universo:

O aplauso à grande explosão só chegou quinze bilhões de anos depois de a explosão ocorrer.

Em seguida, a carta a Vera está reproduzida em sua totalidade.

Croydon, junho de 1999
John Spooke